

Revista Litteraria

PUBLICAÇÃO SEMANAL

S. Paulo, 17 de Fevereiro de 1895.

Direcção de Amadeu Amaral e Maximo Pinheiro Lima

SUMMARY

| | |
|--------------------------------------|----------------|
| Chronica | DULCE SILVA |
| Uma aventura, poesia | AMADEU AMARAL |
| Suum cuique... | JOÃO D'AMAYA |
| Alma timida, conto | RICARDO MORENO |
| Velhas e novas | |
| Never more, soneto | MANOEL VIOTTI |
| Momo | YORIK |
| Artes | |
| Platéas | LUDOVICUS |
| Salões | |
| Problemas a premio | COCISFRAN |
| Despachos | |
| Gaveta do spateiro | |
| Hippica | D' ARTAGNAN |
| Expediente | |
| Noticias e pensamentos intercalados. | |

Chronica

Com esta chronista é que os leitores não contavam. Tenham paciencia, sim? E podem deixar cahir todas as censuras sobre o poeta redactor da *Revista*, que irresistivelmente soube convidar-me num bilhetinho em verso.

Oh, os poetas, o que elles não conseguem...

Isto para mim é quasi um sacrificio. A penna torce e emperra na lisura do papel, e nem admira. Nesta abençoada terra, onde o genio feminino se personifica em Francisca Julia da Silva, Julia Lopes de Almeida, Zalina Rolim, uma principiante como eu, fatalmente vacilla, arreceia-se, treme.

Depois, reservarem-me a chronica deste numero, logo a chronica, uma coisa que tão difficil me parece... Eu vejo os habeis, os praticos, luctando com a falta de assumpto, a falta de veia em certos dias aziagos, a falta de vontade, a falta de animo...

O assumpto! Os senhores homens que passeiam o dia todo ahi por essas ruas, observando alguns casos, sabendo de outros na palestra dos cafés, esses senhores, é sim que devem chegar ao sabbado com provisão de noticias de vulto para encherem tiras e tiras. Eu, aqui dentro de casa,

sem gazetas em que rebuscar os casos sensacionaes dos ultimos dias, prohibida pelo rigoroso papae de ter conversas demoradas com as tres tagarelas de tres visinhas nossas, prodigas sempre em novidades, que posso saber do que se passa por esse mundo de Christo? que poderei contar de importante aos doze mil leitores da elegante *Revista*?

Só se quizerem, á guisa de chronica, umas variações sobre o tempo, sobre uns raios de sol que andam alli defronte á gandaia, na superficie calma, horizontal do Tamanduatehy. E' tudo o que os meus olhos veem de curioso atravez da janella, em toda a extensão que lhes é dado alcançar.

Agora, correndo o interior do meu quarto... Mas esperem, parece que tenho assumpto!

Vejo, por exemplo, na pequenina estante um livro novo, as *CARICIAS*.

Trouxe-me o severo papae essa obra, por ser, disse, — uma das poucas que ainda hoje se podem depositar sem receio no regaço d'uma senhora.

A primeira impressão que das *Caricias* recebi, confesso que não foi das melhores. Hum, typo elzevir, papel finissimo e laminado, gravuras a tinta azul não realmente artisticas mas, enfim, nitidas, muito desenhadas, tudo isso me pareceu luxo de mais para um livro bom. Porque eu estou observando a todo o passo que, dentre as minhas conhecidas, as que mais garridamente se enfeitam são as que menos valem no tocante a formosura natural...

Mas o nome de Garcia Redondo, a lembrança de alguns trabalhos seus que me tinham já vindo á mão, tiraram-me num momento as duvidas, e sem mais delongas, peguei da faca de marfim para o sempre agradavel, delicioso serviço de separar as folhas. E logo na primeira, que surpresa! havia uma dedicatoria, aquelle exemplar vinha-me offerecido!

« A'..... *conteuse* e..... poetisa, D^a....., com os protestos da viva admiração do - Auctor. »
O sombrio papae porque Garcia Redondo me havia enviado as *Caricias*, consentira-se n'aquella tarde a extravaganeia d'uma brincadeira.

Chame-se a essa dedicatória generosidade de mestre ou cortezia de palaciano; eu sempre houve por bem cortar ahí atraz dois adjectivos e o meu humilde nome. Salvo assim a propria modestia, e não ficará sobre Garcia Redondo a fama de lisongeiro em extremo.

Verdade é que guardo desse livro mimoso, as mais gratas impressões. E' pouco tudo o que sobre elle escrever, e qualquer commentario é superfluo.

A melhor critica, a meu vêr, e pela qual melhor me tenho guiado, é esta que passa de bocca em bocca, dos que leram para os que perguntam. Principalmente, tractando-se d'essas *Viagens pelo paiz da ternura*, capazes de serem comprehendidas por todos os que sentem. Para se ficar encantado com o livro de Garcia Redondo, não é forçoso ter-se alma de artista, basta simplesmente ter-se alma.

Os embotados, os *blasés*, vão procurar n'outras obras, requintes modernos que lhe façam estremecer a fibra molle do paladar estragado, e deixem para nós, os simples, a simplicidade das *Caricias*.

Hoje em S. Paulo, todo o mundo conhece esses contos adoraveis; e aqui está quem já sonhou trez vezes com a Elisinha, sorrindo, olhos azues e bondosos como os de sua mãe, e com o Manoelito e o Alfredo, os travessos guerreiros, destroçando os balthões das roseiras!

...O assumpto a procurar-me, a entrar-me pelo quarto! Agora é o meu irmão que chega e me traz um cartão—programma da matinée a realizar-se amanhã, domingo, no salão da *Germania*.

Ha muito tempo não tinhamos noticia dos artistas de S. Paulo fazerem alguma coisa. Ahí têm, porém, uma esplendida festa, toda artistica—musica, poesia...

E o producto da funcção é destinado ás victimas do medonho incendio da *Terceira*. Quem deixará de ir, sabendo que depõe uma esmola nas mãos dum viuva na pobreza, ou dum orpham ao desamparo?

Do seu canto obscuro, a chronista saúda vivamente musicos e poetas, esse punhado de espiritos altruistas, reunidos assim pelo mesmo sentimento de caridade.

E agora, fecha-se a chronica. Foram-se já, cheinhas de letras as tiras marcadas pelo poeta. Os typographos, portanto, que troquem a chapa relativa á falta de assumpto pela que diz respeito á falta de espaço.

Apenas contra o que se me pediu no bilhetinho em verso, assigno com pseudonymo. E peço, ainda assim, a maxima discreção, não vá chegar alguma coisa aos ouvidos do meu severo papae, que por ora só me permite collaborar na *Familia*...

DULCE SYLVA.

Uma aventura

A Valdomiro Silveira

Saio pela manhã para a campina,
quero do ambiente perfumado os gosos.

A luz rompe a neblina
com raios quentes, vivos, luminosos,
e a cellagem azul vae-se aclarando.

A alegre passarada
traz-me os bons dias, garrula, cantando,
em revoada.

A payzagem roceira, a pradaria
por onde o gado silencioso pas a,
a correnteza fria
que entre barrancos, murmura, se arrasta,
lucos, moitas, caminhos e seara,
animam-se em tons crús,
illuminados, frescos, de luz clara,
—risos de luz.

Por um atalho, que docéis folhudos
ensombram cá e lá, desço ao riacho,
no qual os roceirinhos, agua abaixo,
agua arriba, mariscam.
Do forte sol os raios mais agudos
na agua, no arvalho, em refrações, coriscam.

Subitamente, numa volta quieta
do caminho, onde o ruido do trebelho
da creançada inquieta
mal chega, junto de esgalhado e velho
capão frondoso, eu vejo-a, numa lida,
florinhas apanhando
e pondo-as no regaço, distrahida,
cantarolando.

«Nestes sitios!» exclamo. A face de anjo
volta-me, atrapalhada. Está mais linda
assim, num desarranjo
das vestes leves, dos cabellos. Finda
por tirar do regaço um excellente,
cadivo gravatá,
que me offerece delicadamente:
«Aqui está.»

Não o quero. Da bella chego perto
e, de subito, ponho-lhe no rosto
um breve e quente beijo, de mais gosto
e mais acidulado
que o louro gravatá. Num pasmo incerto
ella me furta o rosto... já beijado.

BIBLIOTECA HISTORICO-MUSEOLOGICA DO INSTITUTO HISTORICO DE S. PAULO

Atonita num susto, pende o braço
 que ergue a fimbria da saia e as amarellas
 fructas do seu regaço
 deixa cahir, esplendidas e bellas,
 no enão, por onde rolam. Olha em volta...
 «Ninguém viu»—digo logo.
 E ella, amuada, vem? queixume solta,
 o rosto em fogo...

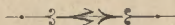
E voltamos, bem juntos. Ella. um tanto
 confusa, olhando as flores da devesa.

Eu, a trautear um canto
 muito usado por esta redondeza.
 Sobre nós, de repente, zombeteiro,
 ri pelo espaço, ri,
 e vae gritando pela campo inteiro
 um bemtevi.

Ella—um nimbo de luz na cabelleira,
 vermelha a bocca, ruborada a face,
 lembra-me um fructo que no campo nasce,
 appetitoso e bravo,
 e em cujo polpa que excitante cheira,
 acidulando a bocca, os dentes cravo.

AMADEU AMARAL.

(*Primicias*—93.)



Suum cuique...

Eu sempre queria ver agora a cara com que ficaram os adversarios do latim, deante das façanhas que o *uti possidetis* acaba de praticar. Acusam o latim de ser lingua morta; como si isso não fosse uma virtude, desde que são os mortos que governam os vivos, segundo me contou ha dias um positivista que tenho na vizinhança e de cujas opiniões me separa apenas uma parede de meio tijolo.

Toda a gente ignorava que jaziam num fundo de sertão bravio o Pepiry, o Chapecó, e o não sei que mais. E de repente o Pepiry, o Chapecó, e o não sei que mais surgem em plena celebridade, enchendo as folhas com uns mappas explicativos que francamente, me deixaram confuso, e com artigos longos, recheados de cousas sábias, e que eu não li apenas porque, em materia de erudicção muito comprida, sou analfabeto de vocação.

E toda essa revolução incruenta foi devida á simples intervenção de um latim respeitavel. O latim dá verniz ás cousas mais humildes deste mundo—assumpto no qual Boileau me faz a honra de pensar exactamente como eu. O Chapecó! Ninguém tomaria a serio e em consideração esse pequeno rio sertanejo si elle sahisse á rua sósinho. Mas eil-o

que apparece protegido pela companhia do *uti possidetis*: e faz successo, e tem até retrato nas folhas.

Nem o Pepiry, nem o Chapecó estão mais contentes do que eu. Palavra de honra que me sinto tão orgulhoso com a victoria do *uti possidetis* como si fosse eu proprio em pessoa o inventor do latim. Eu sempre disse que o latim era a melhor cousa do mundo, depois de varias outras que não cito por absoluta falta de espaço, attendendo a que são numerosas.

Sthendal, por exemplo, negava a utilidade do latim, o que não admira muito, porque os francezes negam tudo, e só pôdem ser tomados a sério na arte culinaria, em que são grandes. Dizia Sthendal que não adquirira a respeito da palavra nenhuma noção nova, aprendendo que em latim a palavra se chama *verbum*. Como si dar noções fosse o destino das cousas uteis, como si se pudesse censurar a uma laranjeira, o dar, em vez de idéas—apenas laranjas! O *verbum* latino, manejado com habilidade, em *ipsis verbis*, *verba volant*, *res non verba*, por exemplo, dá evidentemente brilho ao discurso e importancia a quem o usa. Da graxa não sahiu com certeza a concepção das faculdades da alma, mas sahiu o lustro dos sapatos, que eu supponho muito mais util.

Vejam na botanica o papel que o latim faz. Que seria das plantas, votadas á ignominia do anonymo, sinão houvesse latins para designal-as? E ainda ha pouco quando um escriptor nosso conhecido quiz fazer botanica familiar, substituindo nos vegetaes o amor ao latim, cahiu-lhe a critica em cima accusando-o de não ter estylo. A medicina é um producto exclusivo do latim; si não houvesse essa agua lustral em que se baptisam os microbios, os microbios seriam uns simples pagãos de quem ninguém fãria caso. E o direito? Como conceber a idea de justiça si já não existissem no *magnum lexicon* os elementos com que formar o *suum cuique tribuere*? O direito sem latim seria como uma penna sem tinta, uma cadeira sem pernas, uma calça sem botões, isto é, uma d'aquellas cousas a que falta a principal condição para poderem cumprir o seu destino.

Agora, chegou a vez da geographia. Discutia-se ha mais de um seculo a collocação que uma sorte de terras devia ter no mappa. Não havia accordo possivel. Poz-se em campo a astronomia, a mathematica, o cacete, a diplomacia; fizeram-se e desfizeram-se colonias e tratados; revolveram-se os archivos, perturbando a posse mansa e pacifica das traças; consultou-se o Instituto Historico, acordando-o; usou-se o Riachuelo; entrou em scena a casa Pasehoal; recorreu-se a sabedoria biblica de Salomão...

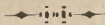
E nada. As Missões conservavam no colorido dos mappas aquella côr indecisa e celebre de burro

quando foge. E tinham um ar solemne de sphinge dizendo a quem lhe estendia a mão: «Decifra-me, ou eu armo um rolo, que vae tudo raso, e o menos que te acontece é teres de gastar os restos do cambio em pontos falsos!»

Bastou a intervenção do latim para resolver a situação, e prehencher a lacuna do mappa, em cujo colorido as missões ostentam hoje, triumphante e inconfundivelmente, o verde e amarello nacionaes.

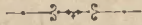
No meio das manifestações que explódem, da distribuição de glorias que se faz, de todo esse barulho patriótico levantado a proposito do caso, parece-me que seria iniquidade deixar na obscuridade o Padre Pereira. A Cesar o que é de Cesar, ao padre o que é do padre. Na victoria do Chapecó e da nação o padre da *Artinha* tem a larga parte que se não pode negar a quem, propagando o *hora, horae*, abriu o espirito da diplomacia nacional á vasta comprehensão do *uti possidetis*.

JOÃO D'AMAYA.



O coração do homem eleva-se antes de ser quebrantado, e humilha-se antes de ver glorificado.

SALOMÃO.



Alma timida

(*Scena de noivado*)

O momento psychologico que o faria corar até á raiz dos cabellos chegara precisamente com a retirada do ultimo convidado e com as *boás noites* docemente pronunciadas pela mãe de Margarida.

Agora só, Fernando sentia-se enleiado diante da graciosa figura da sua mulhersinha e não tinha uma palavra, um monossylabo que o viesse tirar daquelle acanhamento que o humilhava, daquelle turbação que afinal se complicava, sabendo-se que nunca a sua alma de rapaz pacato tivera um dia uma audacia junto de uma mulher.

Na *chaise longue* forrada a setim perola a noiva olhava-o do fundo da sala, num recanto esplendido de penumbra, e sentia-se orgulhosa ante esse corpo esbelto de homem, com uma cabeça dominante e loira e um pequeno bigode, macio e doce, que era todo o encanto da sua figura.

Tinha dado meia noite, fazia um luar claro: e Fernando, absorvido de uma ideia, agitado, n'uma ancia, sem poder rasoavelmente explicar a nevrose que o empolgara, sahira daquelle sala para a immediata, fulo, raivoso, quasi a ringir os dentes. O que ia elle ali fazer? Sabia lá! Ia para ali armar-se de coragem, despir o pudôr de colegial de que nun-

ca se emancipara e que fôra sempre pabulo de riso entre os seus companheiros, por noites de esturdia, com mulheres.

Tinha pena de ser assim, p'ra que negal-o?

Tinha pena, mas a culpa não era sua, ora ahi estava! Mamãe exercera sempre sobre elle um rigôr extraordinario. Della herdara aquella doçura de maneiras, aquelle largo gesto de bondade, e essa phenomenal facilidade de se tornar escarlate pelo mais futil dos motivos.

Depois, o namôro fôra rapido, uns tres mezes, durante os quaes, precisamente n'uma sala em que ora estava a sua Guida, a velha nem uma só vez deixou de faltar — grave, rija, vigilante, olhando sempre por sobre os oculos d'oiro.

Nunca elle dera um beijo na sua noiva, haviam de acreditar? Pois, agora que a tinha ali, que a podia tomar nos seus braços, encher-lhe o coração de ventura, agora é que lhe vinha a timidez, a estúpida e singularissima timidez! Já viram coisa assim?

E nervoso, chupando o charuto n'um tremor de beiços, passeava ao longo da sala, revoltado contra si mesmo, e invejando n'um instante os rapazes que ao abalarem para o estudo, feitos uns moscas mortas, um anno depois, pelas ferias, de regresso ao lar, appareciam com um ar canalha, uma desenvoltura famosa, toda uma degenerescencia magnifica accusando audacias victoriosas...

E ia a abysmar-se mais e mais na onda dos seus despeitos, quando de fóra, da outra sala, a voz de Margarida a saccudia.

—Fernando!

E'le correu logo ao encontro della, atordoado, esbarrando nos moveis.

—Tens muito somno, ora tens?...

E como ella — nos olhos dum grande fulgor amoroso, nos cabellos uma rosa branca de muitas folhas, fizesse com a cabeça um gesto affirmativo, Fernando disse n'uma voz tremula:

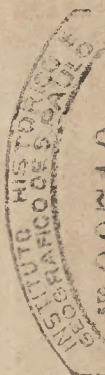
—Vamos nos deitar....

Margarida levantou-se da *chaise longue*, sorrindo, e no seu passinho de passaro encaminhou-se para a alcova, ao fundo....

Fernando, preso de um irresistivel encanto seguia os movimentos de sua mulher.

Ella abrira as portas da alcova: n'esse instante o leito nupeial, sob um docel de *dentelles* brancas, como que sorria na penumbra, n'uma pompa alvinhenta de linhos.

Agora a casa cahira n'um grande silencio. As portas da alcova fecharam-se e de lá de dentro, como uma ironia, um desafio, vinha até aos ouvidos d'elle um rumôr de saias engommadas.



Depois sentiu-se cahir um sapatinho. Fernando tremia, uma ancia enorme vestia todo o seu ser. Nas pontas dos pés, elle foi caminhando para junto da alcova. Espreitou. Os seus olhos tinham a seiva do glutão diante de um fructo bello.

Mas, n'um repente, elle abriu as portas de par em par.

Margarida que nesse instante arrancava a meia de seda, deu um grito :

—Oh, Fernando, que disparate !

Mas elle nem a ouviu, sequer. E louco d'amor, louco de paixão, tomou-a nervosamente pela cintura, poz-lhe no coral dos seus labios um grande, um profundo beijo...

Entretanto, a lampada esmorecia, talvez receiosa de importunar os dois, e cá fóra, sob a alleluia do ceu um sabiá de garganta fina ia narrando ás estrellas o começo d'um grande festim de nupcias...

S. Paulo, 1895.

RICARDO MORENO.

Velhas e novas

Sahirá em breve a publico um livro bom como poucos dos que têm ultimamente apparecido: os *Contos de minha terra*, de João Luso.

Sabem certamente os leitores o que são os trabalhos de Armando de Erse, publicados que têm sido em grande parte na imprensa desta capital: são um deliciosos quadros da vida roceira de sua patria, cheios de naturalidade, sonorizados de melros e de cantigas de esfolhadas, perfumados de giestas e de murthas.

É pena que ao editor, que é o dr. Horacio Sabino, não seja possivel offerecer-nos o volume antes de algumas semanas bem puchadas.

Em fim, nada se perderá por esperar.

Do Dr. Horacio Sabino recebemos um exemplar da 2.^a edição d'*A Família Medeiros*, romance de costumes paulistas de D. Julia Lopes de Almeida.

Agradecemos a offerta do exemplar da nitida e correcta edição.

O emerito jurisconsulto Dr. Hyppolito de Cargomo. tem no prelo um novo trabalho que se intitula *Manutenção de direitos*.

Manoel Viotti tem contractada com os srs. Espindola, Siqueira & C.^a a edição dum volume de versos de sua lavra, que certamente será recebido com francos applausos. E' o que lhe auguramos.

Sahirá brevemente á luz um novo livro de versos de Wenceslau de Queiroz—*Resas do diabo*.

Aquellas bonitas *Scintilas do Estado*, firmadas por Filindal, parece que em breve serão enfeixadas num elegante livrinho.

De primeira mão podemos annunciar que em breve estará publicado, por um academico de direito, um livro sobre a invasão dos federalistas no Estado do Paraná.

Estylo caprichoso, não fará perder pormenores e episodios interessantissimos. Com as devidas reservas damos esta noticia, crendo no proximo numero dar o titulo e o nome do autor da nova obra.

Oscar Monteiro está organisando para o anno vindouro um almanak para este Estado, cuja parte litteraria e historica vae ser confiada a habilitada e criteriosa redacção.

Sabemos que Valdomiro Silveira, ora em Casa Branca, tem editor para um livro que provavelmente se intitulará—*Os Caipiras*—: um bello punhado de contos paulistas, que documentam a posse do bonito talento do jovem promotor de Santa Cruz do Rio Pardo.

E desculpe-nos elle a indiscreção da noticia.

NEVER MORE

*Alma que a dor alanha, Alma sombria...
(Em quanto o vendaval do tedio range
Dentro do peito, louco se confrange
O coração em triste psalmodia.)*

*Não mais da creança a lucida phalange.
(Abrindo a urna das saudades fria
Rompe o psalteiro desta monodia
O desengano que nas maguas tange.)*

*...A gambiarra das lucidas chimeras
Apagou-se-me n' Alma... O citaredo
Dos sonhos quebrou-se... Das primaveras*

*Do louro amor emigrou-se o chalrante
Bando alado das caricias tam cedo,
Aperreando minh' Alma em éreo guante!*

MANOEL VIOTTI.

29—8—94.

Penhorados do imo d'alma é que nos curvamos ante a imprensa do paiz, para lhe agradecer effusivamente o fidalgo acolhimento que dispensou cá ao pequerrucho.

A todos os collegas—mil agradecimentos dos rapazes da *Revista*.

Do sr. Dyonisio Caio da Fonseca, digno director do Collegio S. Paulo e Minas, recebemos um cartão de felicitações que muito nos penhorou.

Agradecemos-lhe a fineza, bem como aos srs. professor Arthur Goulart, João Pedro de Castro e dr. Eugenio Silveira, que tambem nos felicitaram por carta.

MOMO

(Do meu livro de notas)

Já restrugem de perto, nos ares da pacata Paulicéa, os clarins ensurdecedores da guarda de honra de Momo, que avança para cá com o seu transitorio estadão, abotoado em roupas polychromas, um grande riso meio alvar meio *chuva* na grande bocca sonora, erguido com as suas mulheres quasi núas num alto e reluzentes throno esplendoroso de tres dias.

E quando o cortejo penetrar a cidade, derramando no espaço um como filtro triumphante de voluptuosidade libertina, desfraldando seus pendões vermelhos, ostentando-se glorioso e forte, numa apothese da depravação, vereis um espectáculo que dá volta ao miolo dos que observam esta nossa triste humanidade: a glorificação mais estardalhaçante do Vicio, á luz plena do sol, aos olhos da burguezia.

A turba das bacchantes passará desdenhosa e feliz, aclamada pela populaça, e o moralismo burguez esconder-se-á de prompto, e o burguez esperará ancioso a passagem do cortejo, ao lado das donzellas suas filhas, e as donzellas suas filhas comerão com os olhos a plastica das sacerdotisas do amor barato pompeando á luz do dia como um escarneo a moral, ao burguez, ás donzellas.

Hão de concordar que este mundo é uma comedia...

Ao retirar-se Momo, esfalfado e ebrio, para as paragens onde se acoita durante o anno, voltará ás caras dos cidadãos honrados a cumpungida mascara da moralidade... é o carnaval da vida se desenrolará enojante por longos dias e por longos mezes.

YORIK.

ARTES

Jonas de Barros, um talentoso amator do desenho e da pintura, pobre, e que á custa de esforços propios tem conseguido fazer alguns trabalhos que, si não tem maior valor artistico, denotam pelo menos intelligencia e vocação, abriu no Club Republicano uma pequena exposição de quadros a *crayon*, aquarella, oleo, etc., que tem feito desde a idade de 13 annos até hoje.

De posse do catalogo que gentilmente nos enviou, fomos ver os seus trabalhos, e mais uma vez lastimamos que o seu talento não possa expandir-se por falta de apoio, entregue como está de todo a si proprio—sem mestre e sem dinheiro.

A ver si o governo faz alguma cousa pelo jovem ytuano.

PLATÉAS

S. José—Fechado.

Apollo—*Tam Tam*.

Polytheama.—Baile á fantasia.

S. JOSÉ

—Milone amigo, recebe meus mais sinceros cumprimentos e aceita as minhas desculpas pelo pessimo momento que te fiz passar no domingo ultimo, ao leres esta secção da *Revista Litteraria*.

Desculpa-me, Milone, e fica certo que, confiando ao publico um segredo que tu tanto escondias, não foi com intenção má, porém para obrigar-te a voltares á tua actividade de um empresario *Barnum*...

—Sou-te, e assim todos os paulistanos frequentadores de theatros, gratissimo pelo grande obsequio que nos fizeste, de, mesmo com prejuizo de tua algibeirinha, não mais trazes a Companhia Apollo á esta capital artistica. O embarque daquella *troupe* (*) em Santos com destino ao Rio, livrou-nos de mais uma vez sermos atacados pela *ferocidade* do actor Mattos e da *caterva artistica* que o acompanha. (Perdoai-me, oh! Villiotsinha! oh! Balbina! oh! Maia! envolver-vos neste... embrulho.)

Agora aos meus leitores e ás minhas illustres patricias:

O Milone prometeu-me pôr logo em S. Paulo uma optima companhia, que actualmente trabalha num dos theatros de mais importancia do... *Mundo*. Como estamos em epoca de alegrias e do *voce mi conhece?*.. enquanto essa companhia não chega, o theatre S. José dará sumptuosos bailes carnavalescos, dos quaes vós, sisudos e convencionaes como sois, certamente não ireis, temendo ver e ouvir cousas que D. Moral combate a ferro e fogo...

APOLLO

Hontem, tive o immenso prazer de apertar as mãosinhas gorduchas e mimosas de minhas velhas conhecidas (não o são em annos) Leonor Rivero e Elodia Miola, que—esquecidas já do antigo Ludovicus—ratão das caixas dos theatros fluminenses—me entregaram cartões de apresentação do illustre collega e amigo *Mentiroso*, auctor do *Livro de Epaminondas*, em publicação n' *O Paiz*.

Como não valia nada dar-me a conhecer, aceitei os cartões, que foram mui cuidadosamente guardados no meu *porta-folio* elegante, offerecendo-lhes immediatamente os meus servigos e promettendo-

(*) No original estava *tropa*.

lhes os elogios mais rasgados da *Revista* quando ellas, no desempenho de seus papeis, me agradassem.

O Sebastião Pontes declarou-me que o Brandão—que, não obstante sua careta de macacão, é um dos mais conceituados e conscienciosos do Rio—mudou o nome do *Tim-Tim*, do Souza Bastos, para *Tam-Tam* per dous motivos: o primeiro—tendo a revista *Tim-Tim* passado a ser carne de vacca dos theatros lusos e brasileiros—como meio de reclame; o segundo—com o fito de não confundir a peça da Pepa com a que desempenham a Rivero e a Miola, imprimindo aos dezoito papeis da revista portugueza uma graça e um *chic* capazes de fazer perder os miolos ao mais pataco e inoffensivo burguez de S. Paulo.

Como se inaugura o *Apollo*, á noute vamos vestir a nossa sobrecasaca das occasiões solemnes, afim de assistirmos á primeira do *Tam-Tam* e admirar a burguezia boquiaberta, diante da catiteza do theatro da rua da Boa Vista.

POLYTHEAMA

O Faria dos beefs do Terraço dá hoje e amanhã, domingo, dous bailes á fantasia no barracão da rua Formosa.

O Maximo, que é um rapaz que difficilmente se faz convencer de *certas cousas*, veio me dizer que não comprehendia o motivo por que o Polytheama podia abrir-se para bailes publicos e não para espectaculos equestres e dramaticos.

Como eu não estava disposto a ser *caceteado*, mandei o Minino—digo, o Maximo,—entender-se com o intendente de obras, que é o meu amigo dr. Carlos Garcia.

E... que aguento a conversa do Maximo...

Para finalizar:

—Apezar do embargo da snra. Pepa Rodrigues—ex Ruiz—o Brandão fará subir muitas noutes á scena do ex-Varietades Paulista, a revista *Tim-Tim*... com nome trocado.

—Quem viu a Rivero em 18... no Alcazar a exhibir sua magnifica plastica, fícará certamente admirado de vel-a hoje *tal qual* o foi nesses tempos da... Inquisição.

—Á porta da Camisaria Especial, conversavam esta manhã o Filinto, o Zéca Lisboa e o Furtado Filho.

Zéca:—...finalmente—eu sou pela Rivero!

Filinto:—Pois eu, meninos, perco a cabeça pela Miola...

O Furtado ingenuamente:

—E eu morro pelo Brandão..!

LUDOVICUS.

XVI-II-XCV.

Salões

TENENTES

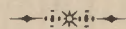
A baixa do cambio, a carestia dos generos e tantas outras más cousas que por ahi vão, não foram feitas para os *Tenentes*.

Haja vista o estupafaciente baile de hontem, de que só não gostou o nosso paginador, pois que fez com que Ludovicus, o chronista theatral, que aprecia desengonçar as gambias nas horas vagas, só viesse a ultima hora fazer a sua secção.

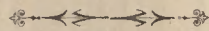
FENIANOS

Aprestam-se os heroicos gladiadores para a lueta de breve, para a commemoração ao seu unico Deus, o immenso Momo.

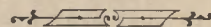
E como esta vida não vae a matar, descansam... dançando, como fizeram hontem num esplendoroso baile onde todos só tinham o fito de folgar como folgazões convictos que são.



Distincta escriptora encarregou-se da chronica de hoje. Beijamos-lhe a mão, penhorados por tanta gentileza.



Um distincto escriptor meio aposentado, mas cuja penna ainda não se oxidou e produz as mesmas fagulhas de espirito que outr'ora fez conhecidas na imprensa do Estado, para começar a sua collaboração na *Revista* publica hoje um artigo—*Suum Cuique*....



Problemas a premio

As decifrações devem ser-nos enviadas sempre até as quarta-feiras. Para poderem concorrer decifradores de fóra, os premios serão dados por sorte.

Decifrações das charadas de domingo: Barbacans, Patacão, Chicote, Barracão, Maroca, Gallope, Perola, Semicirculo, Eufemia; do logogripho: Pernilongo.

Para hoje:

CHARADAS

2—1—Come um pedaço de laranja, minha flor ?

2—1—O rei persa de uma lettra faz uma mulher.

1—1—Nas margens do rio vegeta este homem.

1—2—Instrumento de cobre no mar.

1—2—Do H é fructa a vasilha.
1—1—1—Existe o catalogo na musica do homem.

1—2—A lettra com os cães é homem.

1—1—1—Aqui não tem roupa na musica o furado.

2—1—Vôa na arma e no bolso.

1—2—O maldito não é completo para ferir.

—Decifraram todos os problemas do primeiro numero da REVISTA os srs. *Caio* e *Azuos*, o primeiro desta cidade e o segundo de Campinas. Remetteremos o premio ao segundo, a quem coube por sorte: felizardo!

—Os srs. Fredogodo & Oruam decifraram todos menos um; K. C. T., Maroca, Sicoc, Machado, Eddi, não chegaram á metade; Picoto, Rib, Lico, Calixto, Ratamplan, Pechisbeque, estiveram na bagagem.

—Premio ao decifrador de todos de hoje, a quem couber por sorte: *Regina*, de *Lamartine*.

—Só poderá concorrer com trabalhos quem offerecer premio.

COCISFRAN

“Gaveta de sapateiro”

Alguns anagrammas feitos com nomes de personagens celebres:

Pierre de Ronsard, *rose de Pindare*.

Pierre Coton, *perce ton roi*.

Voltaire, *o alte vir*.

Napoléon, empereur de Français, *un pape serf a sacré le noir démon*.

Antonius Leguierius, *novus jesuita niger*.

Ha dias, na rua 15 de Novembro, um elegante caixeiro tentava carregar uma senhora de objectos da loja. E, fazendo-se amavel, com um sorriso:

—Olhe, minha senhora, como lhe hade ficar bem esta fazendinha...

—É bonitinha mesmo, é.

—Oh!.. é esplendida!.. Vossa Excellencia seria muito estúpida si não gostasse...

No escriptorio dum nosso diario:

—O' Adalberto, fecha essa porta para não vir ar.

—Deixa que vire, deixa que vire... isto aqui anda tudo virado.

Despachos

Sr. F. M.—E' verdade que pretendemos dar illustrações. Elogio tu? Nunca.

Sr. Manoel de S.—Seu artigo sobre a *nova revolta* não nos serve. Bata a outra porta... Indeferido.

Sr. G.—Não senhor, vamos aos *Tenentes*, onde os *Lords* garantem-nos a victoria.

Hippica

JOCKEY CLUB

Ainda desta vez foi feliz esta distincta sociedade, na confecção do programma para a sua 6.^a corrida deste anno, conseguindo reunir em alguns pa-reos os *craks* do nosso turf. E assim, devemos esperar uma bella concurrencia hoje ao prado da Moóca.

As nossas gentilissimas leitoras offerecemos os seguintes *palpites*, e esperamos que lhes sejam de bom proveito :

| 1. ^o Lugar | 2. ^o Lugar |
|-----------------------|-----------------------|
| Marcial | Vandinha |
| Casulo | Vivandeira |
| Kean | Gladstone |
| Bessina | Rose d'Or |
| Jefferson | Comparsa |
| Marcial | Garibaldi |

D'ARTAGNAN.

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

O preço das assignaturas, para qualquer parte, será o seguinte.

| | |
|---------------------|---------|
| Serie de 28 numeros | 7\$000 |
| Serie de 47 numeros | 13\$000 |

Prestam-se gentilmente a representar esta folha distinctos cavalheiros, com os quaes se poderá tratar tudo o que com ella se relacione, nos seguintes logares:

S. PAULO

SANTOS.—Alferes João Corrêa de Moraes Junior.

RIO CLARO.—Major José David Texeira.

ITATIBA.—João de Moraes Filho.

ITU.—Theophilo de Arruda.

SOROCABA.—Antonio de Oliveira.

SERRA NEGRA.—José A. Amaral Pacheco.

AMPARO.—Alferes Gustavo Pacheco.

JUNDIAHY.—Major Carolino B. de Araripe Sucupira.

DESCALVADO.—Dr. Virgilio Caldas.

MOGY-MIRIM.—Dario Anhaia.

JACAREHY.—Dr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama.

RIBEIRÃO PRETO.—Dr. Ildefonso Pereira de Azevedo.

IGUAPE.—Tenente Octaviano Carneiro.

DOUS-CORREGOS.—João Sabino Franco.

CAMPINAS.—Pedro José Gonçalves.

PARNAHYBA.—Vicente Ferreira Nunes.

CAPITAL FEDERAL

H. Lombaerts & Comp., rua dos Ourives, 7,

PARANÁ

CURITYBA.—Dr. Joaquim Miró.

MINAS GERAES

OURO PRETO.—Joaquim Marra.

MARANHÃO

S. LUIZ.—Dr. Herculano Nina Parga.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á rua Libero Badaró, 71 e 73.

Impresso nas officinas da Typographia Paulista

Rua Libero Badaró, 71 e 73.—S. Paulo.

